

FERNANDA BIGIO DAVOGLIO/ESPECIAL/JC



Músico fundamental na canção gaúcha contemporânea, Marcelo Delacroix ainda merece ser descoberto pelo resto do País

Reportagem Cultural

As muitas vidas de Marcelo Delacroix

Juarez Fonseca, especial para JC

Era um dia de 1970, o menino tinha quatro anos e caminhava com o pai em uma rua de Curitiba, onde nasceu. Na vitrina de uma loja avistou aquele violão, parou e pediu ao pai que o comprasse. Ganhou o presente, o que causou espanto ao chegarem em casa, não apenas porque o instrumento era quase maior do que ele, como porque, embora fosse um lugar cheio de música, ninguém tocava violão na família.

Hoje um dos grandes músicos brasileiros, ainda por ser descoberto nacionalmente, Marcelo Delacroix lembra bem de sua infância. “Minha mãe, Nívea, passava o tempo todo cantarolando enquanto cuidava dos afazeres da casa. O sonho dela era ter sido

cantora. Tínhamos muitos discos, meus irmãos também gostavam de cantar. Minha mãe, hoje com 87 anos, conta que eu engatinhava com um LP em cada mão...”

Entre tantas coisas, a mãe é o elo com o sobrenome que Marcelo adotaria. O Delacroix vem do avô dela, imigrante francês. Nívea nasceu na região de colonização italiana, em Flores da Cunha, foi criada em Caxias do Sul e ainda adolescente mudou-se com a família para Porto Alegre, onde conheceu o pelotense Wilson José Cury, corretor de imóveis - profissão que o levaria a trabalhar em Curitiba.

Wilson e Nívea já tinham dois meninos quando Marcelo chegou. Mas exceto pelo violão na loja, teria pouco tempo para fixar na memória a vida na capital

paranaense, pois mal completara cinco anos quando a família voltou para Porto Alegre. Aos sete, foi matriculado no Colégio Rosário. E a música? Pois é: no Rosário começou a ter aulas com o inescutível irmão Aldaino.

“Eu adorava aquelas aulas. A novela *Estúpido Cupido* fazia sucesso e agente cantava *Biquini de Bolinha Amarelinha* em vez de cantar músicas religiosas. Era uma novidade, além das cantorias em casa. Minha relação com a música sempre foi prazerosa. À noite eu pegava o livrinho com as letras e ficava cantando. Depois, eu já com uns nove anos, fiquei amigo de uns guris que estudavam no João XXIII...”

Entre aqueles guris estava Carlo Pianta, futuramente um nome de destaque do rock gaú-

cho, integrante de bandas como DeFala e Graforréia Xilarmônica, e um estudioso da Música. “Logo formamos uma bandinha, foi a primeira vez que peguei em um baixo, toquei o riff do Deep Purple em *Smoke on the Water*. A gente ouvia Jimi Hendrix, Janis Joplin, Led Zeppelin. Mas de algumas coisas desse grupo eu não gostava, aí fui me voltando para a música brasileira e latino-americana.”

Acho interessante ir seguindo as memórias de Marcelo, pois elas têm muita coerência para chegarmos ao hoje desse músico tão precoce e abrangente. Tinha dez anos quando um amigo de Santa Maria mostrou a ele discos das primeiras edições da Califórnia da Canção. E a música nativista o levou a ouvir também o uru-

guaio Daniel Viglietti, a argentina Mercedes Sosa, a chilena Violeta Parra - um novo universo sonoro.

Dois anos depois, ouvia o LP *Paralelo 30*, com Bebeto Alves, Nelson Coelho de Castro, Raul Elwanger, Cláudio Vera Cruz, Nando D’Ávila e Carlinhos Hartlieb - que vai aparecer mais adiante nestes textos, em uma espécie de renascimento liderado por Marcelo. Em 1979 assistiu Nei Lisboa no show *Deu Pra Ti Anos 70*, ele com Augustinho Licks, Glauco Sagebin, Luizinho Santos e Everson Vargas.

Relembra ele: “Fiquei louco! Já andava tocando um pouquinho de violão e tentei compor alguma coisa em cima das letras do Nei. Na mesma época vi o Musical Saracura e o Nelson Coelho de Castro. Esses três foram um estopim. Minha diversão passou a ser catar música pela cidade. Assisti aos shows dos projetos Unimúsica e Pixinguinha... Na idade em que a gente é capturado, os 13, 14 anos, picado pelo mosquito da música, da arte”.

No 2º ano do 2º Grau, no Colégio São José, foi aluno do músico Paulo Gaiger (hoje professor da UFPel). Marcelo o assistiu em um dos tantos shows coletivos da época, ao lado de Talo Pereyra, Toneco, Pedrinho Figueiredo... Comentou com o professor Gaiger. Mais memória: “Ele me adotou, me levou pro palco. Toquei no Unimúsica, um pouco de violão, um pouco de charango. Foi importante, por me colocar nos primeiros desafios”.

Ainda no 2º Grau, assiste a um grupo jovem, o Santa Preguiça. “Era um lance meio hippie. Fiquei encantado, fui falar com eles e entrei no grupo. Tinha 15 anos”. Cantando, tocando violão e charango, ele completou a banda, com os gêmeos Ubiratan e Tiaraju Carlos Gomes, Chicão Dornelles, Ana Teresa, Ângela Kunzler, Kiko Corrêa e Texo Cabral (hoje um grande nome da música gaúcha, integrante do Tambo do Bando e do Quinteto Picumã). Um ano depois, 1982, um pulo significativo: entra na Escola de Música da Ospa. Outro ambiente...

Leia mais na página central